

# A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Redacção: Rua de St.ª Anna

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,"

Rua das Figueiras

**ASSIGNATURA**

Anno. . . . . 13000 réis  
Semestre. . . . . 500 »  
Avulso . . . . . 20 »

**Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO**

de Viuva de Manoel F. Lemos  
RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis. Permanentes e reclames a preços convencionaes. Comunicados a 50 réis a linha. Aos assigna ites 25 % de abatimento.

## Tradições gloriosas da monarchia

Agora que os estafados clarins da monarchia arrumbam os tympanos da paciente humanidade, apregando como uma das razões d'existencia para aquella fórma do governo as suas «gloriosas tradições», parece-nos azado o momento para fazer a exumação das carcassas dos velhos reis que mais influram nos destinos da nação, e apresental-as ao leitor sem perigo para a saúde publica, porque a mineralisação lhes deve ter destruido a podridão, excepção feita do ultimo sepultado.

Começemos pelo principio, como diria qualquer Assis. Assim, na primeira dynastia, deixando dormir socegradamente os Affonsos e os Sanchos das suas luctas familiares e das suas conquistas, não fallando no matador de D. Ignez nem no vingador dos assassinos, detenhamo-nos em D. Fernando porque é o rei que pela sua conducta, temperamento e ligações, ia provocando o maior — e talvez irreparavel — desastre para a independencia de Portugal.

Frascario, devasso e pusillanime, a vida d'este rei foi uma serie de torpezas. Roubando ao marido uma mulher, que não só o completou, mas excedeu em libertinagem e dominou pela astuciosa intelligencia, ia levando esta patria, que tanto sangue tinha custado, á dominação estrangeira, pois que tendo a sua filha unica, e que D. Leonor havia dado á luz não se sabe de quem, casado com D. João I de Castella, este julgou-se com direito á coroa portugueza, não que foi auxiliado pela espúria rainha e por quasi toda a fidalguia.

Foi o povo, que, levantando-se em movimento violento, collocou á testa da nação o Mestre da Ordem.

Foi o mesmo povo, que, incendiado pela eloquencia patriótica de João das Regras e conduzido pelo braço heroico de Nun'Alvares, completou brilhantissimamente nos campos de Aljubarrota a consolidação da nossa independencia.

Ensinamento: perigo da perda da independencia por falta de successão real; salvação do reino pelo patriotismo popular, elegendo D. João I. Condemnação da hereditariedade; superioridade do principio electivo.

Eleito rei o Mestre d'Aviz nas côrtes de Coimbra, onde foram

bem delimitados os seus poderes, começa a segunda dynastia e com ella o periodo aureo da nossa nacionalidade.

Foi D. João I um rei magnanimo, intelligente e virtuoso; teve a felicidade de ser progenitor de um grupo de mancebos, cheios de fé, armados d'uma sã educação e solidamente illustrados, que não só o haviam de honrar, continuando as suas tradições mas ainda exceder, trazendo á patria dias de verdadeira grandeza.

E' que eram filhos d'um rei que recebera o influxo do povo e d'uma rainha modelo de virtudes civicas e domesticas. D. Filippa era o prototypo das mães. Mas como eram qualidades pessoas depressa caducaram na heredo-transmissibilidade, o que nos fará assistir em breve a reinados autorcratas, fanaticos e perniciosos.

Começa n'esta dynastia a doblar-se a meada intriguista e traiçoira urdida pela casa de Bragança. A maldade d'esta familia, que ha-de accentuar-se pela Historia fóra até nossos dias, reflecte-se na infamia d'Alfarrobura e desmascara-se em D. João II. Documentos authenticos demonstram que o Duque de Bragança e seus irmãos negociam com o rei de Castella a invasão do paiz, o que se liquida com a execução do primeiro e com a morte do Duque de Vizeu ás mãos do proprio rei.

Vem a seguir o governo de D. Manoel, que ainda é grande pelo impulso da enorme *vis a tergo*, mas infelizmente marcado por factos condemnavels á luz da razão e do sentimento.

A expulsão dos judeus, que concorre poderosissimamente para a nossa ruina economica, foi u na maudita violencia. Não se contentou, porém, o rei, cercado de fanaticos, com a expulsão pura e simples; mandou fazer uma verdadeira caçada a todos os que tivessem menos de quinze annos e coag-u-os a converterem-se e baptisarem-se.

Foi enorme a consternação d'aquelle infeliz povo, que em parte perferiu socorrer-se da morte, apunhalando-se e envenenando-se, o que causou pavor á propria christandade! Foi um deploravel erro economico e uma assombrosa violencia moral privar o paiz de uma raça tão rica, tão activa e tão poderosa, que foi levar a outra parte o producto das suas multiplas aptidões.

E fez-se tudo isto por conveniencia pessoal do rei que queria ser agradavel aos reis catholicos, para que estes lhe não recusassem a mão da filha.

Chega agora a vez de Portugal supportar a chefia do beato e mediocre D. João III, que fechou as fronteiras ás irradiações da ci-

vilização européa pelo estabelecimento da Inquisição e admissão dos jesuitas. Se, porém, o movimento scientifico, philosophico e litterario ficou além dos Pyrineus, tivemos a *suprema ventura* de contemplar outros clarões — os das fogueiras do Santo Officio.

As infelicidades não param aqui, vão-se acastellando sobre este infeliz Povo, como nuvens carregadas de fluido electrico que não tardarão a desencadear-se em tempestade.

Com a morte d'este rei a corôa passa para a cabeça de uma creança posthuma e degenerada, que trazia em insufficiencia aquillo, cujo excesso victimára o pae.

Regendo o Cardeal accentua-se a intolerancia e atizam-se as fogueiras de S. Domingos.

Quando tomou as redeas do governo, o moço — rei, — preso dos conselhos do padre-confessor — um jesuita — e imbuido desde a mais terna infancia das manhosas doutrinas de Loyola, a cujos setarios ouvia exclusivamente, teima em guardar castidade e é convencido pelos mesmos de que lhe estão reservados altos destinos. Contra as opiniões mais sensatas e mais consideradas enburca-se para a Africa a propagar a fé e conquistar a corôa de imperador, e morre ingloriamente nas plagas de Alcacer-Kibir, deixando passar a corôa d'aquella cabeça aventureira para a d'um velho cacheitico, fanatico e estonteado, que por sua vez a deixa prender nas garras de Castella!

A fidalguia vende-se miseravelmente ao ouro castelhano! Só o Povo pretende resistir ao dominio estrangeiro, impulsado por esse immanente patriotismo, que nunca o abandona atravez da Historia, e que n'aquella occasião incarnava, sublimando-se, no velho Phoebo Moniz.

Balanco da dynastia. Primeiro periodo: Liberdades publicas, grandeza, patriotismo, descobrimentos e conquistas. Chefe imposto pelo Povo, inspirando-se na sua causa. Primeiros successores impreguados do mesmo espirito.

Segundo periodo: absolutismo, fausto, perseguições religiosas, perda da independencia por falta de successão real, Imperio da reacção.

Ausencia completa do Povo como factor de governação.

Philodemo.

assim seja e, como subditos que tambem se prezam, vamos dar a nossa quota de incenso expondo, em pequena amostra, o que a monarchia nos custa, e o que a republica nos custaria — em subvencões ao chefe de estado.

Não o fazemos por jacobinismo; cada um exprime, a seu modo, o seu lealismo e a sua felicidade por contar a dynastia bragantina mais uma magestade fidelissima.

Ora, pois, comparemos e saboreiem:

Dotação de S. M. D. Manoel II . . . . .	365 contos
Dotação de S. M. a rainha D. Amelia . . . . .	60 »
Dotação de S. M. a rainha D. Maria Pia . . . . .	60 »
Dotação de S. A. o infante D. Afonso . . . . .	10 »
<b>Total . . . . .</b>	<b>495 »</b>

495 contos pela antiga lista civil, com o aumento de 160 contos votados pelo ministerio Franco, em boas cifras dá — 655 contos.

Isto não contando o usufructo dos bens da corôa, parques, matas, palacios, que numa avaliação rigorosa nos dariam milhares de contos; incluido o Sr. D. Afonso na lista como infante quando o mesmo real Senhor, agora, tendo subido de pósto, deverá portanto aumentar de posta. Não contando o juro do capital realizado com a venda dos diamantes da corôa, diamantes que eram exclusiva propriedade nacional, e dos quaes se venderam o melhor de 2:000 contos de réis, capital transformavel em inscrições da vida publica, com os juros porém, a cargo, queremos dizer, em proveito, de S. Magestade e Real Familiar! Isto legalmente. . .

Num paiz pobrissimo, onde o orçamento deixa sempre o rabo enorme do deficit, sem instrução, sem subsistencias a preço modico, sem a sua rede ferroviaria conclusa, sem boas e numerosas estradas, sem exercito, sem marinha, além do mais que por vergonha calamos; n'um paiz destes, onde tudo está por fazer. . . menos a mais espantosa e mais pezada divida do mundo; num paiz destes custa a familia real de dotação, até vêr, 655 contos por ano; e de usufructo de bens que lhe não pertencem tambem mais, quasi, outro tanto.

Isto é unico, e, é realmente cazo para luminarias, para musicatas e fogueitorio. Sim, Senhores, temos o luxo duma familia real; — simplesmente, esse aparato da realza. . . é caro demais para um paiz pobre e pequeno.

Antonio Valente.

## ECOS da SEMANA

### A Briosa

Não é nenhuma marca de pirrolitos, nem nenhum armazem de vinhos. E' a classe academica, são os estudantes. Foram aonde o soberano pedir a esmola de perdão de acto e mandaram nos bujar e cavar livrecoos o que é, realmente, bem feito.

Lá lhes parecia, aos meninos, que se pôde ser bacharel, medico ou lente de qualquer droga, não pelo serio e dignificante estudo mas pela munificencia régia. E é a um lixo d'aquelles que, amanhã, se irão buscar os ministros, os deputados e os dirigentes.

E é aquilo a briosa. . . Já é descer!

### Nakens

Telegramas de «nuestra hermana» dizem que Nakens, o intemerato e velho jornalista, foi indultado — emfim!

Não sabemos se já se lembram. . . o caso passou-se assim: Deu ele, por imposição das circunstancias, guarida na sua caza ao autor do atentado contra Afonso XIII. E' o direito d'asillo, reconhecido e respeitado pelas leis na idade média, sagrado nos adnares do deserto, obrigatorio onde quer que haja no homem humanidade e respeito. Nakens praticou o acto moral e altruista de não ser um denunciante, de ter compaixão d'uma vida — de miseravel que fosse. Caiu sobre ele toda a Espanha intolerante e monarchica e lá teve de ir para o carcere, expiar o crime — de fazer bem. . .

Agora indultam-no, por mercê, e para isso ainda é preciso que faça anos um princepezito qualquer. São da cadeia, — justo e impoluido, e, ao cazo, dizem as leis que é perdão. Muito temos nós desandado em Direito e em Equidade. . .

Até o selvajem nos envergonha, e até o seculo XIII nos dá taponas. Nakens perdoado — não lêram?! . . .

### «Festa Escolar»

E' um folheto de musica, prosa e verso, original de Dias Simões.

O nome do autor nos dispensa do café com leite do reclamo, por legitimamente consagrado numa successão de trabalhos litterarios de realce, onde, a espaços, luminosamente se afirma um pujante, um rico e belo talento.

Desvanecidamente o reconhecemos — não por orgulho de compatrioticos mas, pelo prazer, hoje raro,

**A OBRIGA**  
**AS CIFRAS**  
Plena aura de fé monarchica renascida, d z-se. Acreditamos que

de encontrar e falar na rua a alguém—de verdadeiro valor. Agradecemos o exemplar oferecido, cujo produto da venda se destina ao cofre da Beneficência Escolar.

### Liga de Educação Nacional.

Recebemos os estatutos desta associação e o programa que os acompanha,—que é um documento notável.

Publical-o-hemos, dando também aos leitores um extrato dos estatutos—para que, quem tem ouvidos e quem tem olhos fique sabendo que, nem tudo é inferioridade, e nem tudo é mandria—neste sobado dos Zé Lucianos.

### Por obsequio.

Sem pretensões a lição, porque não temos habilitações para professores, nem o collega «Jornal d'Ovar» d'ella necessita, diremos que esta nossa terra é materialmente grande, e mesmo muito activa no commercio e industria, graças á iniciativa particular. Agora onde tem sido uma verdadeira terra de orates é nas administrações publicas, que a collocam depois da aldeia de Paio Pires. Bem sabemos que o collega não necessitava da re-posta, mas quizemos ser-lhe agradáveis.

## Chronica agricola

(Conclusão)

N'este caso convém o emprego da oxydina que penetra até os peçollos dos bagos onde o liquido não chegaria e não é já arrastado por as chuvas.

Ora n'essa occasião as manifestações do mildiow no cacho vem em geral de dentro para fóra exactamente porque o liquido que contém o sulphato, não consegue entrar dentro do cacho. A sua applicação liquida faz-se, deixando de parte a calda delphoneza ou borgonha, a agua ceieste, a calda assucarada de Michel Perret, etc., vulgarmente pela calda bordeleza que póde ser *acida, basica e neutra*. A 1.<sup>a</sup> mais caustica e menos adherente porque tem menos cal, raras vezes se emprega; a 2.<sup>a</sup> é pouco energica. A neutra é que deve empregar-se ordinariamente. Tenho visto varias fórmulas indicando quantidades determinadas de sulphato de cobre e de cal; posso por experiencia afirmar que *rarissimas vezes e só por acaso* essas fórmulas indicam as verdadeiras quantidades de cal a empregar; e isto porque sendo a cal destinada a compensar o acido do sulphato, essa quantidade varia com o grau de pureza do sulphato e com a força de cal.

Ha pois um unico meio de preparar bem a calda: é com o emprego do papel *carminol ou tornesol*. O 1.<sup>o</sup> que é branco (contém uma solução de phenolphaleína) toma a cor rosada logo que ha cal sufficiente e por a sua grande sensibilidade, toma a cor carmin logo que haja cal a mais embora em pequenissima quantidade. O tornesol é azul e vermelho: emquanto o azul vai avermelhando é preciso deitar mais cal e se o vermelho toma a cor azul, já ha cal a mais; para estar bem é preciso que nem um nem outro mudem de cor. Eu faço a calda sem-

pre da seguinte fórmula: Para cada 100 litros d'agua (5 almudes novos) deito 2 kilos de sulphato que faço dissolver em 2 ou 3 almudes d'agua suspendendo o por meio d'um sacco de linhagem grossa para a dissolução ser rapida; á parte faço com 1 1/2 kilo de cal peneirada e um almude d'agua, um leite de cal que vou adicionando á solução do sulphato pouco a pouco e experimentando com qualquer dos papeis indicados. Logo que tem cal sufficiente, examinando a quantidade de leite de cal que cresceu, sei a porção d'agua que falta para completar os 100 litros e que addiciono á calda feita. Se por descuido ha cal a mais, faz-se á parte uma solução de sulphato que se vai addicionando até que o papel usado indique estar a calda bem.

Nunca se deve deitar o sulphato na cal mas sim esta n'aquelle. A epocha e numero de tratamentos a fazer, varia com o estado atmospherico. O oidium desenvolve-se já com 12 graus de calor e a temperatura mais favoravel é de 25 a 35 graus, e o mildiow logo que haja mais de 20 graus e ás duas é favoravel o calor e humidade.

Os tratamentos devem pois fazer-se logo que se dêem as condições favoraveis ao desenvolvimento das doenças; é todavia muito conveniente um enxoframento na epocha da florescencia do cacho porque evita o desavinho. Tem-se como certo que o enxofre exerce a sua acção durante 25 e a calda durante 21 dias. Se, porém, dentro d'esse periodo ha chuvas fortes que os lavem, é preciso repetir o tratamento. A calda deve ficar depositada apenas na pagina superior da folha e sob a forma de nevoeiro fino; a que cahir nas paginas inferiores não prejudica nem beneficia.

O mildiow ataca os batataes, melanciaes e meloaes sendo portanto conveniente sulphatar estes tambem com calda igual á indicada para a vinha. \* \* \*

## Gomes Leal

Maravilhozo artista do ritmo. Gomes Leal é um grande poeta e um extraordinario musico pintor, tem torrentuosas, esplendidas, ofuscadoras: a alma, a cor, o som, as harmonias, vibrando, chorando, exaltando-se na sua lira de bronze, lira que enche de acordes toda a epocha dos nossos dias. Isto é velho, porque toda a gente o tem dito, uns com mais retorica e outros com menos, e contudo é a pura da verdade; o que admira—por andar na lingua de toda a gente.

Na abalada maganica da mocidade Gomes Leal deu aos amadores da Poesia as «Claridades do Sul», livro unico; agora na contemplativa saudade de quem v'vêra dá nos a reedição, meditada, do refundido Anti-Cristo. Um e o outro são dois picos de alta montanha, que tocam as nuvens quando lá acima, no céu, o furacão as acossa; um e o outro apesar do aparente, *diverso espirito*, não se desconhecem; nem se excluem.

O barranco ou vale que os estrema desaparece, de resto, perante os olhos, se considerarmos o «Hereje» e a doce «Historia de Jesus» para as mães e para as crianças.

Homojenea pois, confluindo com irreprimivel apojadura para o mesmo alvo sonhado,—a Bondade, que importa que uma ou outra vez a voz se lhe enrouquesse ateísta, mais na mortificação do sarcasmo que na impiedade e no desdem rude?!

Sim, que monta um bago de fel como «a acuzação á cruz» se toda a obra do poeta esplende de emoção santa, se toda ela abala como um violino que dedilhassem os dedos de um S. João no seu desterro de Pathmos?! a essencia, o aroma da obra antiga não desdiz da obra moderna; nunca o poeta se prosternou ao Laviatan do Dinheiro; nunca a sua pena corrompeu pela adulação. Agora, para os que se não encardiram na adoração do Deus Homo—, ainda os consola a saudação admiravel que, um poema admirando, o pensador e o filosofo da Rima piedosamente, vai ofertar ao divino Cristo simbólico.

Ainda se fala a desdenhada lingua do sentimento, ainda os ouvidos escutam o Verbo Místico;—a verdade, a suavidade. Ainda, por horas, temos a convenção ideal de outros homens e de outro mundo, d'outro céu e de outras religiões. Criaturas que andaes na vida semeando o bem, almas que vos libraes á aspiração da Pureza, consciencias que vos tornaes de hidromel pelo Sacrificio, ide ao poema do «Anti-Cristo» solvêr o premio da vossa lide!

Olháe do cimo d'esse alto monte para a seara ondulante, vêde o quanto a espiga aloirou, entumescceu, se torna hostia e pão fino! Ah! vêde, vêde;—e na verdade não desespereis!...

\*

O homem é sempre o lobo do homem,—vós o sabeis. Foi-o por instinto nas velhas Eras e é-o hoje por calculo: é ora, pois, mais abjecto, mais falso, mais vil;—apetrechado como se encontra pelos preconceitos, pela experiencia, pela filosofia e pelos inventos sabios. Dantes cevava-se na preza que era o individuo seu competidor ou a fera seu alimento por necessidade de defesa e por necessidade de nutrição; agora ceva-se nas nações nas castas, na malta dos inferiores;—por capricho, por sede de ouro, e pela sede de sangue.

Tem progredido sem freio para a iniquidade, tem desenvolvido espantozamente a herença felina dos ascendentes;—inventa para destruir, para roubar, elevou o morticínio ao rol de virtude cívica:

«No mal fiz-me um gigante e no bem um anão».

Cria, á imagem dos seus odios e da sua perversidade, os seus deuses de vingança e de assolação, e a Bondade e a Verdade ensinadas por Jesus Cristo as crucifica num ermo da empedernida Judéa, essa Judéa que é o simbolismo do mundo contemporaneo; esse Cristo que são todos os justicados pela torpeza, pelo egoismo pelo debuxe canalha. Pilatos, Caifas e Judas são bem a sintheze deste mundo venal que forja as leis de perseguição e, meus adoraveis idealistas, não ha sermão da Montanha que, já hoje, retire os homens da vereda cheia do sangue da Expolação e da Tirania.

Baldado esforço, desconsolados concluireis, baldadamente a consciencia, nesta cidade do crime,

ergue o pregão do protesto. Não tanto assim—com certeza,—um ou outro que passa lá o recolhe na alma, lá o leva como um luzeiro, guiando os passos na noite. Nunca a palavra se p' rde,—fica latente, ou amadornada, e ficaloha até quando? Nós não sabemos, não temos quicá essa esperança.

Mas de crêr é,—pois que no mundo *nada se perde*—, que a voz potente que afirma o Bem não seja voz no deserto.

De crêr é—e oxalá que seja. Ao excelso poeta, a este cantôr do novo «pregão eterno» devemos-lhe a espetativa confiante, e, o arr-jado, soberbo quadro, que não se esquece mais, nunca.

O seu poema profiga a ciencia rijida, descaravel e egoista, a ciencia que arvora em dogmas o Maltusianismo, as Penitenciarías, o Imperialismo.

Ele diz ao homem:—detem-te louco nesse avançar incessante, febric tante do maleficio.

Deixa a ciencia que te leva o coração com os axiomas, regressa á Verdade da abnegação, da fraternidade, do altruismo.

Olha o roteiro que o Cristo indica, segue-o no clamar de Leão Tolstoi, nos passos d'aquelles quantos se dão á contemplação do infinito; não para o reduzir a algarismos, sim para o interpretar pelo Espirito.

Ah! é certo, nós já sabemos de mais, isto é, cada vez nós sabemos menos. Mudámos o ser ás coizas, ao Sensível e ao Insensível, tudo a nossa filosofia, o nosso senso critico, a nossa duvida, a nossa inquisição abranjeu—para alterar... para deprimir.

E' pelo menos o que proclamam os livros, as sumidades, os *pridât docent*, os charlatães. Mas não sabemos vivêr, ahí é o dóe: andamos cá pelo mundo ás aranhas, aos empurrões, ás cegas;—transviados em suma. Isso nos diz o poeta, apontando com versos d'ouro em fuzão aos ceticos, aos gosadores, aos duros—o fim, o real e intranmissível fim.

Meus adoraveis idealistas, meus sempre expulsos das vossas «torres de luar da graça e da iluzão», lêde o Anti-Cristo.

Pelo conjunto da sua moral superior, pela rutila beleza da sua arte, pela concepção perfeita que dá da vida, esse livro, com pouco trabalho vos consolará: o trabalho de o lérdes pedaço a pedaço, como quem reza por livro santo.

10 de maio de 1908.

Antonio Valente.

## ARTES & LETRAS

### O CORTEZÃO

Hypocrita de lei. Em regra, o cortezão é isto e nada mais. Mudou-se-lhe a vontade, o brio, o pundonor, a honra, a honestidade, em typica dolez, em lama e podridão.

Lisongeador vaidoso, (extranha profissão!) todo elle vai curvar-se em frente á magestade levando n'um sorriso o arpão da falsidade, o pérfido e subtil veneno da traição.

E se entre mil ha um que d'alma pura e recta odia a hypocrisia, á corte não convém por não curvar o dorso ao jugo da etiqueta...

Emfim, se o cortezão quer ser na vidaalguem, forçoso é que descenda em linha bem directa do torpe Barkilphedro ou do feroz Clubin.

Maio—1908.

BOANERGES.

## ARA

Alma minha gentil, que te partiste tão cedo desta vida descontente, repouza lá no Céu eternamente, e viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento Etereo, onde subiste, memoria desta vida se consente, não te esqueças d'aquelle amor ardente, que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que póde merecer-te alguma cousa a dor que me ficou da mágoa, sem remédio, de perder-te;

Roga a Deus que teus anos encurtou, que tão cedo de cá me leve a vêr-te, Quão cedo dos meus olhos te levou.

LUIZ DE CAMÕES.

## UMA VEZ POR TODAS

O jornal «A Discussão», atacado de intenso prurido contra «A Patria», arranha-se desesperadamente em publico. Aconselhamos ao collega que se deixe d'isso, porque é feio e póde fazer suspeitar de doença vergonhosa. Nós desejamos a critica e gostosamente responderemos se a «A Discussão» quizer deixar as censuras de sobreposse e combater no dominio dos factos ou das ideias.

Agora ruborizar-se com palavras, que não offendem o decoro nem a decencia, que se encontram em qualquer jornal ou livro que não pod-m ser taxados de incorrectos—palavras que estão escriptas sem applicação individual, mas em sentido generico e em artigos doutrinario, lá nos parece encaixar carapugas que não está na nossa intenção talhar ou ter olhos maliciosos que vêem de mais.

Desarme a vista, collega. Até morbol... Ora...

### «Justificado»

Respondendo á noticia que demos no nosso ultimo numero, acerca dos depositos de materiaes de construção que occupam mais terreno do que a lei faculta, entendeu o «Jornal» que nos referiamos a um monte de saibro, na Rua de Sant'Anna, que as chuvas espalharam, segundo diz. Nós fallámos na generalidade; e nem sequer conheciamos da existencia de tal monte de saibro n'esse logar, mas aguilhoados pela curiosidade, provocada pelo seu «Justificando», fomos indagar do porquê de tão insolita e despropositada justificação que nada justificava.

Sabem os senhores, porque o «Jornal» viu na nossa noticia uma piada indirecta? Porque o saibro pertencia ao *director e proprietario* do referido «Jornal», que para salvar a honra do convento, se talhou uma carapuça que apressadamente enfiou pela cabeça, sem reparar que as orelhas lhe ficavam de fóra. Ora pois!...

## NOTICIARIO

### Dia a Dia

Entraram em convalescencia das doenças de que ultimamente foram acommettidos os snrs. dr. José Antonio d'Almeida e Manoel Gomes dos Santos Regueira.

— Partiu segunda-feira para Thomar com demora d'alguns dias,

o nosso prestimoso amigo e director Antonio Valente d'Almeida.

— Em goso de licenca, partiu para Foscã com seu irmão o snr. João Antonio de Carvalho, digno director da estação telegrapho-postal d'esta villa.

— Partiu no dia 11 para a capital o snr. Francisco de Souza Villas.

— Seguiram na ultima semana para o Pará os srs. Francisco José Pereira Arrota e Antonio Maria Pereira Carvalho.



**Festividade**

Teve regular concorrência a festividade que, com o cerimonial do costume, se realiso no preterito domingo na igreja parochial em honra do chefe da Familia Sagrada, o Patriarcha S. José.

O orador, abbade Serzedo, maçou os seus ouvintes, nos dois sermões, com muitas palavras e poucas ideias.

Foi nomeada uma commissão para promover no anno vindouro a festividade áquelle santo.



**Santo Antonio**

Por informações que nos forneceu um graduado membro da meza da irmandade, assumem este anno em Ovar proporções de deusado e ruidoso esplendor os festejos em honra do thaumaturgo portu-guez, que terão logar no dia 14 de julho.

Segundo as mesmas informações, o programma da festa será, com pequenas alterações, o seguinte:

Das 8 horas e meia fás 10 e meia da manhã far-se-hão ouvir, em coretos postados na Praça, as duas bandas d'esta villa — Ovarense e dos Bombeiros, e em seguida há missa solemne a grande instrumental e sermão. A tarde vesperas, sermão e procissão com o concurso das duas philarmonicas, as quaes, recolhido o prestito, tocarão nos coretos até ao anoitecer.

A noite, das 9 ás 2 da madrugada, grande festival nocturno, em que tomam parte as mesmas bandas musicas, com illuminações vistosas e fogo de Vianna do Castello.



**FOLHETIM**

**Kropotkine**

**AS PRISÕES**

A população dos carceres compõe-se de elementos heterojeneos; mas considerando apenas os que ordinariamente se designam pelo nome de criminosos propriamente ditos e sobre os quaes tanta coisa temos ouvido dizer ultimamente a Lombroso e seus discipulos, fui especialmente impressionado por este facto: que as prisões, consideradas como um meio preventivo contra os delictos anti-sociaes, são precisamente a instituição que mais contribue para os multiplicar e agravar, em consequencia da «educação penitenciaría» que os presos recebem.

**Confraria do Sacramento**

Em reunião da meza d'esta confraria effectuada domingo sob a presidencia do respectivo juiz snr. dr. João Maria Lopes, resolveu-se adquirir um novo palio com o saldo que conta até esta data, 115\$000 réis, e por este motivo não fazer a festividade chamada do anno que se costuma realizar em junho.



**Abusos a reprimir**

**Pequenas coisas**

Ha cerca de tres anos que na travessa da rua da Fonte, atravancando-a um pouco, se conserva um monticulo de cal e saibro, com honras de pedra, sem que camarista algum se lembre de mandar tirar aquelle artistico empedilho, que, apesar de não merecer atenção, já tem ocasionado varias quedas.

São coisas minimas, sabemos, mas ainda assim aquilo está a pedir picarêta e carro do lixo.

**Na estrada do Furadouro**

Sempre que passamos nesta estrada a unica coisinha pitoresca que possuímos sentimos funda indignação ao vêmos que o arboricida selvagem, produto da imensa ignorancia secular, continúa infame e canibalescamente, destruindo eucaliptos, como quem os com-prasse.

A camara não terá testemunhas para punir estes... turcos?

Não haverá quem persuada, pelo castigo rigoroso, que a arvore, além da sombra, exala o oxigenio, purificando o ar?

**Obstrução**

Em frente á casa do snr. Manuel Valente Frazão, da rua da Fonte, acha-se ha muito tempo uma porção grande de calhau, que, além d'impedir que as aguas pluvias tenham a natural derivação, obsta tambem a livre entrada para o referido predio, pois que 4 portas tem esse calhau por... sentinela.

Lembrámos á Camara que o snr. Frazão dispensa uma vigia tão... dura.

Parece que aos altos Senhores Edis da governança, muito lhes custa o descer da sua magestade olympica e volver os olhos para as couzas terrenas. Continuam os mesmos abuzos, sem que suas Ex.<sup>as</sup> tenham um gesto de boa vontade, que lhes ponha cobro.

Não é só dizerem que se administra honradamente os dinheiros do municipio; é preciso tambem velar pelas commodidades dos municipes e pelo bom nome da nossa terra.

Temos ou não motivo para continuar a verberar o desleixo e descuido com que tudo por ahi corre á revelia, sem que a Camara, para honra sua, obrigue cada um a cumprir o seu dever?

Não pedimos impossiveis; mas é intoleravel que continue a consentir-se essa vergonha, que se aos nossos proprios olhos nos avista, muito mais aos de fóra, que ficam fazendo uma triste ideia dos que nos dirigem e do povo que os tolera.

**Indicações uteis**

**COMMERCIO**

(Noticias da penultima semana)

**CAMBIOS**

No Porto: valor da libra, de 5\$000 a 5\$130 réis.

No Brazil: valor da libra, de 15\$736 a 15\$866 réis.

**PREÇOS DOS GENEROS**

No nosso mercado

Vinho tinto, 26 litros . . .	1\$000 réis
» branco, 26 litros . . .	1\$100 »
» verde, 26 litros . . .	1\$300 »
Alcool, 26 litros . . .	7\$300 »
Aguardente fina, 26 litros . . .	4\$200 »
» bagaceira, 26 litros . . .	3\$500 »
» de figo, 26 litros . . .	2\$400 »
Vinagre tinto, 26 litros . . .	750 »
» branco, 26 litros . . .	900 »
Geropiga fina, 26 litros . . .	2\$400 »
» baixa, 26 litros . . .	1\$800 »
Azeite, 26 litros . . .	7\$200 »
Trigo, 20 litros . . .	1\$000 »
Centeio, 20 litros . . .	800 »
Feijão vermelho, 20 litros . . .	1\$200 »
» branco, 20 litros . . .	1\$200 »
» mistura, 20 litros . . .	1\$000 »
Milho branco, 20 litros . . .	720 »
» amarello, 20 litros . . .	690 »
Farinha de milho, 20 litros . . .	740 »
Tremoço, 20 litros . . .	400 »
Fava, 20 litros . . .	740 »
Batatas, 15 kilos . . .	600 »

**ARROZ:**

Setubal, 1.ª qual., 15 kilos . . .	1\$500 réis
2.ª qual., 15 kilos . . .	1\$450 »
Rajado 1.ª qual., 15 kilos . . .	1\$500 »
2.ª qual., 15 kilos . . .	1\$400 »
3.ª qual., 15 kilos . . .	1\$300 »

**NAVEGAÇÃO**

Pará, 8—Sahiu o paquete inglez «Anselm», que deve chegar a Lisboa a 19.

Pará, 9—Sahiu o paquete allemão «Rio Negro», que deve chegar a Lisboa a 22.

**CORREIO**

Continente, Ilhas e Africa

Cartas: até 20 grammas ou fracção 25 réis. Jornaes: cada 50 grammas ou frac. 2 1/2 réis. Vales: por cada 5\$000 réis ou frac. 25 réis. Encomendas postaes: 200 réis até 3 kilos, 250 réis até 4 kilos e 300 réis até 5 kilos. Amostras: Cada 50 grammas ou fracção, 5 réis. Limite de peso 250 grammas.

Brazil e mais paises estrangeiros

Cartas: até 20 grammas 50 réis. Por cada 20 grammas a mais ou fracção 30 réis.

Qualquer registro 50 réis. Jornaes: por cada 50 grammas ou fracção 5 réis.

**MALAS POSTAES**

Partidas de Ovar para

Pará e Manaus, em 7, 11, 17, e 27.  
Pará e Maranhão e Ceará, em 22.  
Peru, Rio e Santos, em 10, 11, 17, 19, 23, 24 e 25.  
Rio Grande, em 11, 18 e 25.  
Guiné—Bissau e Bolama, em 4.  
Africa Occidental, em 5 e 20.  
Africa Oriental, em 16 e 30.

**ANNUNCIOS**

**Vinhos tintos, brancos e geropigas**

Directamente recebidos das propriedades do Ill.<sup>mo</sup> Snr. Manoel Valente de Almeida, vendem-se a retalho no estabelecimento de Augusto da Cunha Farraia.

**Imprensa Civilisação**

(Casa fundada em 1878)

Viuva de MANOEL F. LEMOS

211—Rua de Passos Manoel—219

**PORTO**

Execução de todos os trabalhos typographicos com a maxima nitidez e perfeição, pelo menor preço.

Tambem tem á venda notas de expedição de pequena e grande velocidade

por desconhecer a fundo qualquer officio, ou se lhe repugnava um trabalho manual mal retribuido, a repugnancia converte-se em odio.

Se ele duvidava da utilidade social das leis moraes correntes, depois despreza-as completamente, desde que pôde avaliar os defensores officiaes dessas leis e conhecer a esse respeito a opinião dos seus companheiros de prisão. E se o desenvolvimento morbido do lado passional e sensual da sua natureza o arrastou a más ações, esse caracter ainda mais se desenvolve depois de ter passado alguns anos na cadeia—e em muitos casos d'uma maneira horrorosa. E' com relação a isto—o mais perigoso de tudo—que a educação penitenciaría é mais funesta.

Estes estabelecimentos modernos não mudam para melhor os prisioneiros: Pelo contrario, na imensa e esmagadora maioria dos casos, exercem sobre eles os mais perniciosos efeitos. O ladrão, o

escroc, o brutal, etc., que passou alguns anos na cadeia são forçados, mais que nunca, a retomar o antigo modo de vida; está melhor preparado para ele; tem mais odio á sociedade e encontra mais justificação para se revoltar contra as leis e os costumes.

Deve necessariamente, inevitavelmente, praticar de novo os actos anti sociaes, que o levaram a primeira vez aos tribunaes; mas os actos que cometerá depois da prisão, serão mais graves que os anteriores; e está assim condenado a acabar numa cadeia ou numa colonia penitenciaría. Num outro livro meu eu disia «que as prisões são Universidades do crime, sustentadas pelo estado». Agora, pensando nesta frase escrita ha quinze anos, só tenho que a confirmar, porque se apoia sobre a experiencia que depois adquiri.

(Do «Em Volta de Uma Vida», trad. de Emilio Costa).

ARMAZEM DE LANIFICIOS E FAZENDAS BRANCAS

DE  
ALVES CERQUEIRA

PRACA — OVAR

N'este estabelecimento vendem-se todos os artigos de lanificios e de fazendas brancas por preços commodos.

Grande sortido de toalhas de Guimarães, lençoes de banho, guardasoes e chapéus.

Agencia das importantes Companhias de Seguros — Probidade e Indemnizadora — e do Banco Commercial de Lisboa.

GRANDE DEPOSITO DE AZEITE

DE  
JOSÉ RODRIGUES FIGUEIREDO

NA  
RUA DAS FIGUEIRAS — OVAR

Tem sempre, para revenda, azeites das mais finas qualidades e de magnifico paladar, do Douro, Beira Alta, Beira Baixa e Elvas, que vende a preços relativamente baratos.

MERCEARIA VALENTE

PRAÇA — OVAR

Além d'outros artigos de mercearia, encontra-se á venda n'este estabelecimento toda a qualidade de vinhos do Porto e Madeira, manteigas recebidas directamente das melhores fabricas de Cambra.

Variado sortido de ferragens, tintas e vernizes.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ernesto Zagalo de Lima  
PHARMACEUTICO

Rua da Praça — OVAR

Domingos da Fonseca Soares

COM  
ARMAZEM D'ARROZ

Rua de S. Bartholomeu — OVAR

Salvador & Irmão

RUA DA GRAÇA — OVAR

VENDEM

Atroz nacional de todas as qualidades, milho nacional e estrangeiro e mais cereaes de produção nacional.

A PREÇOS BARÁTOS

MANUEL DA SILVA

BENEFACIO & C<sup>ia</sup>

DEPOSITO

DE  
Arroz nacional, cereaes e legumes seccos.

Rua de Santo Antonio — OVAR

CASA CERVEIRA

FURADOURO

Hotel — Café e Bilhar

Bons commodos, bom tra-

tamento a preços modicos.

Aberto de 1. de Julho a

20 de Novembro.

HORARIO DOS COMBOYOS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 15 DE MAIO

Comboyos	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.	TARDE							
						Tr.	Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Tr.	Cor.
S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	1,55	2,45	3,33	5	5,15	5,40	6,26	8,45
Espinho	6,20	7,30	8	9,28	10,48	2,55	3,40	4,31	5,39	6,22	6,41	7,26	9,46
Esmoriz	6,36	7,38	8,16	—	11,2	3,11	—	4,46	—	6,38	6,58	7,42	9,53
Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7	3,17	—	4,52	—	6,44	7	7,48	—
Carvalhara	6,48	—	8,28	—	11,11	3,23	—	4,59	—	6,50	7,11	7,54	—
OVAR	6,58	7,52	8,38	—	11,22	3,33	3,59	5,9	—	7	7,22	8,5	10,13
Vallega	—	7,57	—	—	11,29	—	—	—	—	—	7,29	8,11	—
Avanca	—	8,2	—	—	11,35	—	—	—	—	—	7,36	8,18	—
Aveiro	—	8,36	—	10,6	12,16	—	—	—	—	6,14	—	8,17	10,55

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Comboyos	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.	TARDE							
						Rap.	Tr.	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Om.	
Aveiro	3,54	5,45	—	—	11	2,5	—	—	—	5,34	—	9,55	10,23
Avanca	4,37	—	—	—	11,39	—	—	—	—	6,9	—	—	—
Vallega	4,43	—	—	—	11,43	—	—	—	—	6,14	—	—	—
OVAR	4,51	6,23	7,20	10,10	11,54	—	4,15	5,35	6,23	7,25	—	11,4	—
Carvalhara	5,2	—	7,31	10,21	12,4	—	4,26	5,46	—	7,36	—	—	—
Cortegaça	5,7	—	7,76	10,26	12,8	—	4,31	5,51	—	7,41	—	—	—
Esmoriz	5,13	6,37	7,42	10,33	12,13	—	4,37	5,57	6,38	7,47	—	11,18	—
Espinho	5,30	6,46	7,59	10,51	12,30	2,39	4,54	6,14	6,51	8,4	10,34	11,38	—
S. Bento	6,34	7,47	9,2	11,54	1,47	3,18	5,58	7,15	8,1	9,3	11,16	12,26	—

CASA CERVEIRA

PRAÇA — OVAR

Mercearia, miudezas, vinhos finos e bebidas de todas as qualidades.

Grande deposito de esteios de lousa, para vinha e vedações.

Tanques de lousa para agua, bancas de lousa para cozinha, por preços inferiores aos do Porto, por contracto com uma importante fabrica de Vallongo.

Grande sortimento de livros escolares e litteratura, encarregando-se de mandar vir com toda a rapidez, toda e qualquer obra, nacional ou estrangeira, sem augmento de preço.

Agencia de todas as casas editoras, tomando assignatura de qualquer obra.

TANOARIA

ARMAZENS DE VINHOS

OVAR — Rua das Figueiras

DE  
Carrelhas & Filho, Successor

Vinhos maduros, verdes (tintas e brancos) e finos.

Alcool aguardente de vinho e bagaceira, geropigas finas e baixas.

Vinagres tinto e branco.

Na sua conhecida TANOARIA, faz toneis, pipas, meias pipas, barris de quinto, decimo e tudo o mais concorrente á mesma, garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

Tudo a preços convidativos.

RELOJOARIA

Serve magnificamente em seriedade de transações e em perfeição de trabalho a de Augusto da Cunha Farraia.

Ovar — Rua da Praça

AULAS DE INGLEZ PRATICO

Dirigir pedidos a James Searle.

Ribeira — Ovar

Companhia de Seguros "Portugal"

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital Rs. 1.600.000\$000

Emitido 320.000\$000

EFFECTUA

SEGUROS TERRESTRES

contra

Fogo, incluindo o proveniente de raio ou explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos em todo o reino

E

SEGUROS MARITIMOS

contra

Avaria grossa e particular

Sede em Lisboa

Agente no Porto: José Ribeiro Borges

EM OVAR: Da informações sobre esta importante Companhia Fernando Arthur Pereira, na tanoaria

Carrelhas — Rua das Figueiras